

Jelson Oliveira
Marcella Lopes Guimarães

Diálogo sobre o tempo

Entre a filosofia e a história

Prefácio de Željko Loparić e
Fátima Regina Fernandes

“Estar no tempo é o único modo de estarmos vivos. Mas estar vivo é estar disponível para a morte. O tempo é a nossa finitude, o tempo de sermos Abolidos, sem tempo, espaço e vida. Esta é a única coisa que nos dá a consciência e a vida que nos dá o tempo.”
“outro nome para o tempo”, que referiu Caetano) e sobre
“outro nome para o tempo”, que referiu Caetano) e sobre
“outro nome para o tempo”, que referiu Caetano) e sobre

i d s m i
c é o c a
f e a i
Colecção 
Café com ideias

PUCPRESS 

Jelson Oliveira
Marcella Lopes Guimarães

DIÁLOGO SOBRE O TEMPO

Entre a filosofia e a história

Coleção Café com ideias, 1

Prefácio de Željko Loparić e Fátima Regina Fernandes

PUCPRESS 

Curitiba
2015

© 2015, Jelson Oliveira / Marcella Lopes Guimarães
2015, Editora Universitária Champagnat

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Editora Universitária Champagnat

Coordenação: Michele Marcos de Oliveira

Editor: Marcelo Manduca

Revisão de texto: Rosane de Mello Santo Nicola e
Fernanda Gonçalves de Carvalho

Editora de arte: Solange Eschípio

Capa: Rafael Matta Carnasciali

Projeto gráfico e diagramação: Solange Eschípio e
Rafael Matta Carnasciali

Fotos: João Borges e Shutterstock

Vídeos: Rogério Teotonio Rodrigues e Paula Bianchi

Impressão: Maxi Gráfica

Conselho Editorial

Auristela Duarte de Lima Moser

Eduardo Biacchi Gomes

Jaime Ramos

Joana Paulin Romanowski

Lorete Maria da S. Kotze

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Vilmar Rodrigues Moreira

Zanei Ramos Barcellos

Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Câmpus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. (41) 3271-1701

editora.champagnat@pucpr.br – www.editorachampagnat.pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

O48 Oliveira, Jelson
2015 Diálogo sobre o tempo : entre a Filosofia e a História / Jelson Oliveira, Marcella
Lopes Guimarães. – Curitiba : PUCPress, 2015.
246 p. : il. ; 21 cm. – (Coleção Café com ideias)

ISBN Coleção Café com ideias 978-85-68324-19-6
ISBN Vol. I 978-85-68324-20-2

1. Filosofia. 2. História. I. Guimarães, Marcella Lopes. II. Título. III. Série.

CDD 20.ed. – 100

i d S m i
c é O c a
f e a i
a i
Colecção

Café com ideias

Calmoso, longal e rês
Tu não o sentes
Nem vês.

Atravessa lerdo
O adro do teu desgosto.
Na jubilância escorrega
Mas depois passa
Furioso. Passou. Assovio? Seta?
Teus dentes.
Teu sapato novo.
O branco da tua casa.
Tua voz adolescente.
Ele carrega memória e concretude.
Vasto atravessa.

(Hilda Hilst)

Tomei consciência de que ia morrer
no dia em que pela primeira vez
me olhei no espelho e me reconheci.

(Inês Pedrosa)



Sumário

	PREFÁCIO A DUAS VOZES	7
	Željko Loparić	7
	Fátima Regina Fernandes	9
	INTRODUÇÃO: ABRAÇO DE CHEGADA	13
1	TEMPO	18
	Um nome para o que passa	21
	A experiência do tempo	40
2	HISTÓRIA	60
	Muitas histórias	63
	Sobre a vantagem da História para a vida	86
3	MORTE	106
	Os lugares da morte	109
	A morte e a linguagem	131
4	AMIZADE	154
	Um recurso de salvação	157
	A amizade ou o verdadeiro amor	177
5	FUTURO	196
	Quem tem medo do futuro?	199
	O futuro na máquina do mundo	213
	CONCLUSÃO: ATÉ BREVE	231
	REFERÊNCIAS	239



PREFÁCIO A DUAS VOZES

Este não é um livro como qualquer outro. O tema anunciado no título, o Tempo, aguça de imediato o interesse do filósofo. Os assuntos dos capítulos, a História, o Tempo (mais uma vez), a Morte, a Amizade e o Futuro, deixam-no à vontade. O procedimento anunciado, o diálogo, lhe é familiar, predispõe para um envolvimento que não deverá causar surpresas.

De fato, o tempo é matéria-prima essencial da filosofia. Desde a Antiguidade, fala-se com alguma solenidade do tempo cósmico circular (ele ressurgirá estrondosamente em Nietzsche) e da relação íntima da alma com o tempo (que alimentará a meditação cristã da relação de alma com Deus). O cristianismo filosofante marcará séculos com a doutrina do tempo histórico, abraçando a criação do mundo e do homem, a queda, a governança do mundo (a teodiceia) e o juízo final. É verdade que Kant vai virar tudo isso de ponta-cabeça, mas com muito jeito e de forma bem comportada. Ele provará que o tempo não foi criado com a criação do mundo, que é uma ordem imposta às coisas, ao mundo e ao gênero humano pela mente do homem. Ao matar o Deus cristão, Kant descompôs, pelo mesmo golpe, a obra divina. O homem não está mais diante do mundo criado por Deus, nem recebe sua destinação da história; ele próprio é agora o criador ("legislador") do mundo e da história. Depois de Kant, a Morte, tema pelo qual começa, em Platão, a reflexão filosófica clássica, vai virar, em Heidegger, um existencial, elemento da estrutura do existir humano neste mundo. O Futuro continuará dando o que falar, desde as teorias de perfectibilidade do século XVIII até as utopias tecnológicas atuais. A Amizade dos antigos ressurgiu no pós-kantiano Foucault.

Filósofo ou não, o leitor percebe, logo, que não está solicitado por esse tipo de conceitualização, nem entretido por histórias sobre os temas propostos. Encontra de fato menos do que isso. A apresentação não segue um esquema linear, nem qualquer esquema reconhecível. As datas estão identificadas, referências bibliográficas em ordem, mas a época do conteúdo parece pertencer ao mesmo tempo a épocas diferentes. O leitor se vê mergulhado em um estoque de assuntos de diferentes idades, fontes, gêneros de escrita. O esperado diálogo não acontece, não se chega a estruturas lógicas, temporais, nem temáticas. O diálogo vira conversa, troca epistolar, oportunidade para recordações, evocações, sugestões. Acaba até mesmo sem participantes determinados, pois a palavra é dada generosamente a autores dos mais diferentes recantos. Esse não é um texto a duas vozes, é um texto polifônico, a cada momento uma voz nova e inesperada pode se fazer ouvir. O próprio leitor se vê convidado a dizer as suas — a entrar na conversa sem precisar se preocupar nem mesmo em saber ao certo o que vai acabar dizendo. Ele se encontra num livro sobre o Tempo e a História, mas sem submissão ao tempo e à história; em meio a um material que pode, caso se queira, ser usado à vontade ou ao acaso para construir figuras no tempo, fazer estórias, colocá-las na boa ordem, classificá-las e terminar por contá-las, se alguém um dia quiser se dar esse trabalho. Este é o convite.

Željko Loparić

Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCPR

O convite para escrever este prefácio me foi gentilmente estendido e não poderia recusar, pois se trata de uma obra que fala do Tempo, entre a História e a Filosofia, numa coleção que se identifica como *Café com Ideias*, reunindo Marcella e Jelson; tantas coisas de que gosto juntas! Uma conversa acessível a todos que desejarem juntar-se a nós e desfrutar de reflexões de tanta singeleza essencial.

E de que trata este livro? De muitas coisas importantes e esquecidas; o tempo que vivemos carece do essencial, do básico, o que nos define como seres humanos precisa ser anunciado como se novidade fosse. As fontes de dispersão são muitas e todo trabalho que nos leve a pensar, que relembre a caminhada do ser humano no tempo, na vida, no mundo volta a ser indispensável. Tantos já falaram sobre isso no passado, tradições foram criadas à sua volta, mas acima de tudo cada época, cada contexto sentiu a demanda de atualizar a apresentação dessas verdades da vida. Pois, felizmente, o mundo muda, nem sempre para melhor, nem sempre no sentido do aperfeiçoamento, mas mantendo a demanda por um movimento transformador; daí que se compreender como ser humano no tempo é ainda o nosso maior desafio individual e coletivo. Eis uma das contribuições destas reflexões que nos são oferecidas.

As Musas, História, Filosofia, Literatura e Poesia constam do cardápio desta conversa, no qual as ciências e a arte descem de sua cátedra e são postas à vontade, em diálogo efetivo que envolve os anfitriões deste café. Uma dinâmica contagiante que nos convida a participar desta conversa como agentes distributivos, multiplicadores de uma semente lançada nestas páginas e que levamos conosco para jogá-la em alguma terra fértil que encontrarmos no caminho. O que mais dizer? O prazer da leitura e da reflexão resulta desse exercício de pensar e viver, e por isso, esta obra que ora temos em mãos é tão instigante, lembra-nos de que o conhecimento, o saber, tem uma dimensão

aplicada; seu objeto, a humanidade no tempo, dispõe, de bom grado, de uma erudição estéril em benefício da velha e boa *ars vivendi*.

Mas, não se iludam, pôr em diálogo não apenas Nietzsche, Dostoiévski e Jorge Luis Borges, mas também Camões, o papel da língua e sua relação com o tempo, é demanda para iniciados e deixar-nos tontos com relações possíveis, inauguradas ou pouco conhecidas parece ser o jogo predileto destes dois pensadores, Jelson e Marcella. As referências, os autores, são aqui pensados como homens e mulheres que viveram no mundo real, daí preceder, ao pô-los em diálogo, o prévio conhecimento de seu pensamento e a pertinência dessa ação, dando-lhes, assim, uma voz vivente, real.

O valor da morte e da amizade e a esperança de um futuro aqui discutidos com tantas vozes, algumas mais conhecidas, outras menos, inclui sempre os sentimentos, a busca pela relativização do absoluto e acima de tudo a necessidade de virar o tabuleiro. Os autores nos convidam a lançar olhares a partir de outros ângulos sobre temas recorrentes em nossa vida, longe de proporem um revisionismo sistêmico e vazio, destacam a pertinência de um olhar não só sobre os momentos que tornam nossa vida mais significativa, ou sobre a perda e o vazio, mas também o abraço e o aconchego da amizade, aquilo que transcende a mera ciência e manifesta nossa dimensão mais particular e humana. Um livro pleno de humanidade! Sem dúvida.

Uma proposta que se encerra sem o fatídico e "viveram felizes para sempre" dos contos de fadas, e que tanto estupefata Marcella e a todos nós, apostando na relativização de uma conclusão única e cristalizada sobre os temas aqui tocados; os autores preferem, e muito sabiamente, as múltiplas possibilidades conclusivas.

Afinal descubro, este livro fala sobre a Vida, aquela cheia de pedras no caminho, desvios, paradas e retomadas, segundo Houaiss, conceito definido

como propriedade que caracteriza os organismos cuja existência evolui do nascimento até a morte. Uma propriedade que dispõe de um potencial ilimitado cuja inconsciência de seu valor ou falta de reflexão sobre o papel da iniciativa individual para evoluir pode transformá-la num enorme desperdício de tempo e energia alimentado por muitos medos, inclusive do futuro.

Mas, e a História, onde fica? Não fica, caminha, atravessa tudo, não apenas na sua forma positiva ou real, mas também na sua dimensão narrativa, em prosa e em verso, na versão sonhada, idealizada, acompanhando a trajetória dos homens no tempo. Afinal, as preocupações contemporâneas dos homens sempre os moveram em direção ao passado a fim de que possam construir algo para o futuro.

O que mais dizer... despeço-me, afinal, as páginas que seguem dispensam estas modestas reflexões introdutórias e com muito mais riqueza e propriedade, os autores, servindo-se habilidosamente da Gramática e da Dialética, oferecerão aos leitores uma deleitosa oportunidade de cultivar-se o verdadeiro *otium cum dignitate!*

Fátima Regina Fernandes
Professora de História Medieval na UFPR e cofundadora do NEMED
(Núcleo de Estudos Mediterrânicos)

Está no tempo a única modalidade disponível para a vida. Vivemos no tempo, não há contagem regressiva. Abolidos, sem tempo, não iríamos experimentar a morte, porque a vida não é outra coisa que uma experiência em eternidades (aquele "outro nível de realidade" a qual se refere às nossas carências e faltas).



INTRODUÇÃO

Abraco de chegada

Em 2013, comecei a conhecer aquela que seria a trilogia *Sabedoria Prática* de Jelson Oliveira. *Livros de desajuda...*, como ele próprio os classificou. O jogo alusivo à produção dita de "autoajuda" é óbvio e propunha a atualização de uma ideia célebre de Padre Antônio Vieira (1608-1697): "E se quisesse Deus que este tão ilustre e tão numeroso auditório saísse hoje tão desenganado da pregação, como vem enganado com o pregador!"¹, sem que o meu amigo tivesse talvez se dado conta disso. Pelo menos, não declarou. É audacioso propor a desajuda e o desengano, desde muito antes de Vieira.

Trabalhamos no mesmo lugar por anos, sem nos encontrarmos. Sim, nós partilhamos alunos, biblioteca, capela, salas de reuniões; nós nos vimos nos corredores e, ocasionalmente, levantamos as sobranceiras de maneira amistosa, puxando os cantos da boca em um sorriso. Eu deixei esse lugar de trabalho e amigos, e alguns anos depois, reencontrei Jelson para além da cordialidade. Esse encontro tem algo de muito terno, pois foi a admiração de minha mãe pelo filósofo que me fez despertar. Minha mãe foi aluna de Jelson. Eu conheço a magia desse amor, o amor de mãe, só não sabia que entre seus encantos está o poder de achar gente necessária à nossa vida. Li suas palavras antes de redescobrir seus olhos azuis. Gostei de ambos.

No início de 2014, enviei a ele uma carta motivada pela leitura da *Filosofia da Viagem* (segundo volume da coleção) e aí nasceu um novo diálogo. Não contente em ler para si mesmo, ele a fez figurar na segunda edição da obra,

¹ Frase de abertura do Sermão da Sexagésima, pregado por Vieira em 1655.

lançada no mesmo dia em que fechava a trilogia. Fechou uma porta e me abriu uma janela, pois queríamos falar um com o outro. Não por telefones, e-mails ou *whatsapps*... Queríamos que mais pessoas tomassem conhecimento do papo, como pessoas nada discretas sobre seus segredos. Dessa inconfidência, nasceu a ideia deste livro. Da janela, pulei para o meio da sala, espalhei minhas leituras e risadas, propus o café.

A primeira coisa que pensei é que eu sou uma leitora anárquica da Filosofia e que isso poderia bagunçar o pensamento dele, mas depois descansei, afinal, foi ele que começou essa história de desajudar... Para lhe dar algum contentamento inicial, antes da confiança, perguntei-lhe sobre quais temas gostaria de conversar e ele escolheu. Sua escolha compreende os capítulos dessa obra: o Tempo, a História, a Morte, a Amizade e o Futuro. Há um segredo aqui, que o leitor vai descobrir na leitura. Gostamos de suspenses!

A ideia de publicar a conversa de duas pessoas com pouco, algo ou nada em comum não é nova. A única promessa que fiz a Jelson foi a busca da voz autêntica, em outras palavras, é como historiadora que falo. E dentro da História, mulher do século XXI que vive e pesquisa o Ocidente Latino medieval (!?). Há coisas mais complexas nessa vida... Se a ideia não é nova, ela é necessária! Que outras iniciativas como essas mereçam acolhimento! Acolher não significa mudar de opinião, embora isso possa se dar. É uma atitude de abertura para o conhecimento: novas ideias, novos caminhos, o outro. Muito equívoco já foi vivido quando o movimento em direção ao novo não incluiu a possibilidade da surpresa... Que triste caminho é o que apenas confirma o nosso rol de suposições!

Acabei de passar o café, ouço a campainha tocar, seja bem-vindo!

M.L.G

Cheiro do café, dizem lá em Minas, é o convite para uma visita. Trouxe o meu abraço. Sei que a vida é feita de encontros. Porque há braços, o abraço é possível. Nele nós guardamos as nossas almas, embrulhadas naquela força leve e robusta que envolve o coração à beira de outro coração. "O melhor lugar do mundo é dentro de um abraço", canta o Jota Quest, sonorizando o encontro. A consistência do abraço depende, entretanto, da composição das gentes e da confluência dos motivos. A vida é a história dos motivos que costumam nossos destinos. Algo que tem muito de acaso e de surpresa. E porque é assim, torna-se acontecimento. O meu encontro com a Marcella foi assim. Mediado pela palavra e pelo afeto. Pelos interesses comuns. Pelo encantamento dos assuntos. Marcella é sempre complementar: além de falar bonito na forma e no conteúdo, ela sabe ouvir – virtude rara no meio dos nossos barulhos.

No encontro nasce a conversa. A perscrutação das ideias. A vivência das interrogações. Os convites. A vontade de falar mais. O gosto de vivacidade. Ficamos com vontade de falar publicamente. Escrever dois nomes na capa de um livro, contudo, não é coisa fácil. Há dois afluentes jorrando água pura, rios desenhados que, de repente, se desviam para a mesma corrente. Vozes diferentes, saberes desiguais. As mesmas conjugações em torno de um café simbólico, no qual os/as leitores/as também participam. Uma mesa imensa sempre foi, para mim, a melhor metáfora da amizade. Comer juntos é um ato sagrado, torna-nos *cum panes*, companheiros que dividem o mesmo pão. Sem isso, não haveria humanidade. Epicuro, o filósofo grego, levou isso tão a sério que mandou colocar, no centro do seu jardim, uma grande mesa. Banqueteava-se com amigos, na simplicidade de legumes, pedaços de queijo e copos de vinho. Teria havido café, certamente, se os dias fossem outros. A liturgia seria a mesma.

Marcella me corrigiu, apontou o dedo, mostrou lacunas, preencheu-as com elegância. É plausível pensar que esse é o melhor tipo de diálogo.

Não basta dizer "sim" ou aplaudir. A relação fica pobre. A boa conversa tem divergências e desacordos. Mas nunca cizânias: o nosso é um diálogo para o consenso. Diferentemente do que acontece na sociedade contemporânea, que muito fala e, de muito falar, em nada concorda. Esse é, segundo propôs o filósofo norte-americano Alasdair MacIntyre, o dilema do nosso tempo: palavra vazia, artificial, desordenada, idiossincrática. Mera alegação. Tomara que este livro testemunhe o contrário: a possibilidade ética e estética do diálogo, trânsito de coerências. Na troca dos intervenientes, entre mim e ela, a dialética das aberturas, a comunhão fática das enunciações de sentidos. Resgatamos aquilo que foi, no princípio, a experiência filosófica (que também era, naqueles primórdios, uma experiência histórica): os diálogos foram, depois da poesia épica, a forma filosófica mais eficaz. Platão e Agostinho — só para lembrar de dois nomes — foram mestres nas narrativas dialógicas, com as quais deram expressão a seus pensamentos.

Nosso café com prosa, resgata, assim, o sentido principal da palavra. Aqui, palavra é palavra mesmo: ato comunicativo, vontade de transcendência, decomposição de significados, manifestação. Terapêutico, o café se mistura com o pensamento. Lubrificante social, concentra os sabores e os saberes. Pensamos com o paladar, evocando percepções. Palavra condimentada vira objeto degustativo. Ideias enchem as xícaras no exercício de fazer o texto e deixar-se fazer por ele. Conversa é assim: quê de improvisado, efeito emocional.

Esse livro nasceu de um convite, de um café, de um desejo de pensar conjuntamente e de partilhar o pensamento, para envolver outras pessoas. Como texto e como encontro, esse livro sofre da imperfeição ontológica de tudo o que está vivo: o livro está incompleto e está em travessia. Trata-se de uma conversa inacabada, continuável, desdobrável. Como livro, nasce desti-

nado àquele "amor tátil" cantado por Caetano no seu, que também é *Livro*, apesar de ser canção. O leitor, ao decifrar a palavra, dá vida ao pensamento. Faz tudo prosperar.

J.O.

1 TEMPO



Estar no tempo é o único modo de estarmos vivos. Mas esse tempo não é disponível para a morte. O tempo é a nossa finitude na forma de vida. Abolidos, sem tempo, seriam como os mortos, sem vida. Estar sem tempo é outra coisa que esse estado de ausência de experiências e afetos que distende o tempo. "outro nível de vínculo" ao qual se refere Caetano) e sobre o qual entram em vigília. Mas em nome das nossas

*Está no tempo é a única mo
disponível para a morte. Viv
Abolidos, sem tempo, estariam
outra coisa que esse cardel de ex
"outro nível de vinculo" as
entram em siqu*



*no tempo é também estar
uma contagem regressiva.
morte, porque a vida não é
erás em eternidades (aquele
mal nossas carências e faltas
partas maiores.*

Este não é um livro como qualquer outro. O tema anunciado no título, o Tempo, aguça de imediato o interesse do filósofo. Os assuntos dos capítulos, a História, o Tempo (mais uma vez), a Morte, a Amizade e o Futuro, deixam-no à vontade. O procedimento anunciado, o diálogo, lhe é familiar, predispõe para um envolvimento que não deverá causar surpresas. O diálogo vira conversa, troca epistolar, oportunidade para recordações, evocações, sugestões. Acaba até mesmo sem participantes determinados, pois a palavra é dada generosamente a autores dos mais diferentes recantos. Esse não é um texto a duas vozes, é um texto poli-fônico, a cada momento uma voz nova e inesperada pode se fazer ouvir. Este é o convite. (Željko Loparić)

Pôr em diálogo não apenas Nietzsche, Dostoiévski e Jorge Luis Borges, mas também Camões, o papel da língua e sua relação com o tempo é demanda para iniciados, e deixar-nos tontos com relações possíveis, inauguradas ou pouco conhecidas parece ser o jogo predileto destes dois pensadores, Jelson e Marcella. As referências, os autores, são aqui pensados como homens e mulheres que viveram no mundo real, daí preceder, ao pô-los em diálogo, o prévio conhecimento de seu pensamento e a pertinência dessa ação, dando-lhes, assim, uma voz vivente, real. Um livro pleno de humanidade! Sem dúvida. (Fátima Regina Fernandes)

id Sm i
C é o c a
f e c a
a i
Colecção
Café com ideias

PUCPRESS 

ISBN 978-85-68324-20-2



9 788568 1324202